

Alternativas para o cerco

1983

Síndica Externa

NOS ÚLTIMOS dias dois dos maiores jornais da imprensa americana e mundial, o "Washington Post" e o "The New York Times", tomaram posição a favor de um tratamento mais adequado e mais benigno da crise econômica brasileira por parte dos credores internacionais, do FMI e particularmente do governo dos Estados Unidos.

ESSE JULGAMENTO externo, porque desde logo descomprometido com os interesses, os facciosismos e os preconceitos que dentro do País gravitam em torno dos problemas do nosso endividamento, tende a constituir fator importante na busca da saída praticável clamada pela dramática situação de iliquidez que estamos atravessando, já agora pondo em risco iminente funções vitais da realidade interna, como o abastecimento de petróleo.

E A ATITUDE dos dois grandes jornais se revela particularmente oportuna no momento em que o Brasil se lança a nova etapa na renegociação direta com os bancos credores, propondo o adiamento das parcelas da dívida vencidas este ano e a vencerem em 1984.

NÃO SERÁ difícil identificar uma inspiração comum na atitude da imprensa americana e nas preocupações que hoje animam a Casa Branca em relação ao Brasil.

Pode-se chegar até à especulação bastante verossímil de uma tentativa coordenada de formar-se nos Estados Unidos e nos principais centros da opinião mundial um consenso de receptividade tolerante e simpática à causa brasileira, do qual resultem efeitos suficientemente concretos para a superação dos atuais impasses.

A FINAL, não faria sentido um país do nível do Brasil ficar confinado à instância técnica do Fundo Monetário Internacional e, como tal, ter todo o seu destino submetido à camisa-de-força de uma invariável ortodoxia econômica. O FMI cumpre papel indiscutivelmente valioso e necessário, converteu-se mesmo num mecanismo oportuno de racionalização e reordenamento da economia brasileira, mas lhe falta a sensibilidade política e social para os fenômenos que se produzem à margem dos índices matemáticos, dos cálculos e projeções de computador.

VENDO com nítido realismo o quadro criado, o "Washington Post" mostra de que modo as exigências de equilíbrio e saneamento financeiros impostas pelo FMI se tornaram "desproporcionalmente onerosas" para o Brasil e precisam dar lugar a propostas alternativas. Enquanto os débitos vão crescendo automática e rapidamente com a elevação dos juros, o tão esperado mecanismo

compensatório representado pela recuperação econômica dos países desenvolvidos opera em marcha lenta e ainda envolvido em incertezas.

O BRASIL tem todos os motivos para recusar a solução da moratória. Impossível evitar, porém, que o vácuo da falta de opções satisfatoriamente negociadas fique à mercê de pressões e tensões intoleráveis. A estratégia do acuidamento só aproveita a quem aposta no caos.

AS NEGOCIAÇÕES com o FMI já levaram o Governo brasileiro, inclusive, a tomar medidas "amargamente impopulares" — reconhece o "Washington Post". Se à nossa flexibilidade concedida a duras penas continuarem correspondendo a rigidez pouco realista do Fundo e o excesso de zelo dos credores, dentro em pouco os partidários da moratória unilateral poderão estar tomando de assalto a opinião pública interna.

UMA COISA é a responsabilidade financeira e moral que obriga o Brasil a resgatar as suas dívidas. Outra, inadmissível, é pretender que o preço da nossa impossibilidade de pagá-las a curto prazo seja o da destruição, para sempre, do nosso potencial de desenvolvimento e das mais acalentadas perspectivas do destino nacional.